SISAL

Apenas três empresas compram a produção mundial, o que impede os agricultores brasileiros de ampliarem o cultivo, sob pena de verem seus preços se depreciarem, no mercado internacional.

O **Brasil** continua liderando o mercado mundial de sisal, apesar da queda verificada em sua produção nos últimos anos. Representa cerca de 60% da produção e de 20% do comércio internacionais de **baler twine**[1], e de 50% do de fibra beneficiada (ver Quadros 08 e 09). A razão do declínio é a mesma que afetou os demais países a partir do início da década de 70: redução da demanda, devido à competição da fibra de polipropileno, de menor custo (ver Gráfico 04).

O ritmo de crescimento da produção brasileira é influenciado, ainda, pela forma como está estruturado seu mercado interno. Apenas sete empresas compram a produção, beneficiam e exportam, ficando os produtores sujeitos aos preços por elas ditados, em geral próximos ao preço mínimo garantido pelo governo. Desta forma, os produtores se vêem desestimulados a promover inversões na cultura que visem a maiores ganhos de produtividade (aliás, o rendimento físico aqui obtido situa-se abaixo da média mundial) ou mesmo maiores quantidades de **cortes** (extração de folhas).

Na verdade, desde que o consumo mundial se estabilizou em torno de 350 mil t (total adquirido por apenas três empresas importadoras no mundo) não existem razões para que o país eleve sua produção além do considerado **normal**, sob pena de seus preços se depreciarem.

Apesar de o **Brasil** deter a liderança mundial, a estrutura do mercado – muito mais concentrado do lado da compra – impede que se obtenha um maior poder de decisão na fixação de preços.

A principal área produtora do país é a Bahia, responsável por 60% da produção, seguida pela Paraíba, com 30%. Os demais 10% estão distribuídos entre o Rio Grande do Norte, Pernambuco e Ceará.

Estima-se que cerca de 80% da produção se destinam ao mercado internacional: 55% na forma de **baler twine** e 45% em fibra beneficiada. Esta elevada participação das exportações na destinação do produto é explicada por se tratar de material utilizado no enfardamento de feno para o rebanho bovino confinado e na amarração da palha de cereais, que têm sua principal demanda nos países desenvolvidos.

As exportações brasileiras de

QUADRO 08 – SISAL – PRINCIPAIS PAÍSES PRODUTORES 1985 (em mil t)

PAÍS	QUANTIDADE (em mil t)	DISTRIBUIÇÃO %
Brasil	291	57,5
México	72	14,2
Quênia	50	9,9
Tanzânia	40	7,9
Madagáscar	20	4,0
Haiti	9	1,8
Outros	24	4,7
Total	506	100,0

FONTE – FAO – Production Yearbook – 1985.

QUADRO 09 – SISAL – PRINCIPAIS PAÍSES EXPORTADORES – 1985 (em US$ milhão)

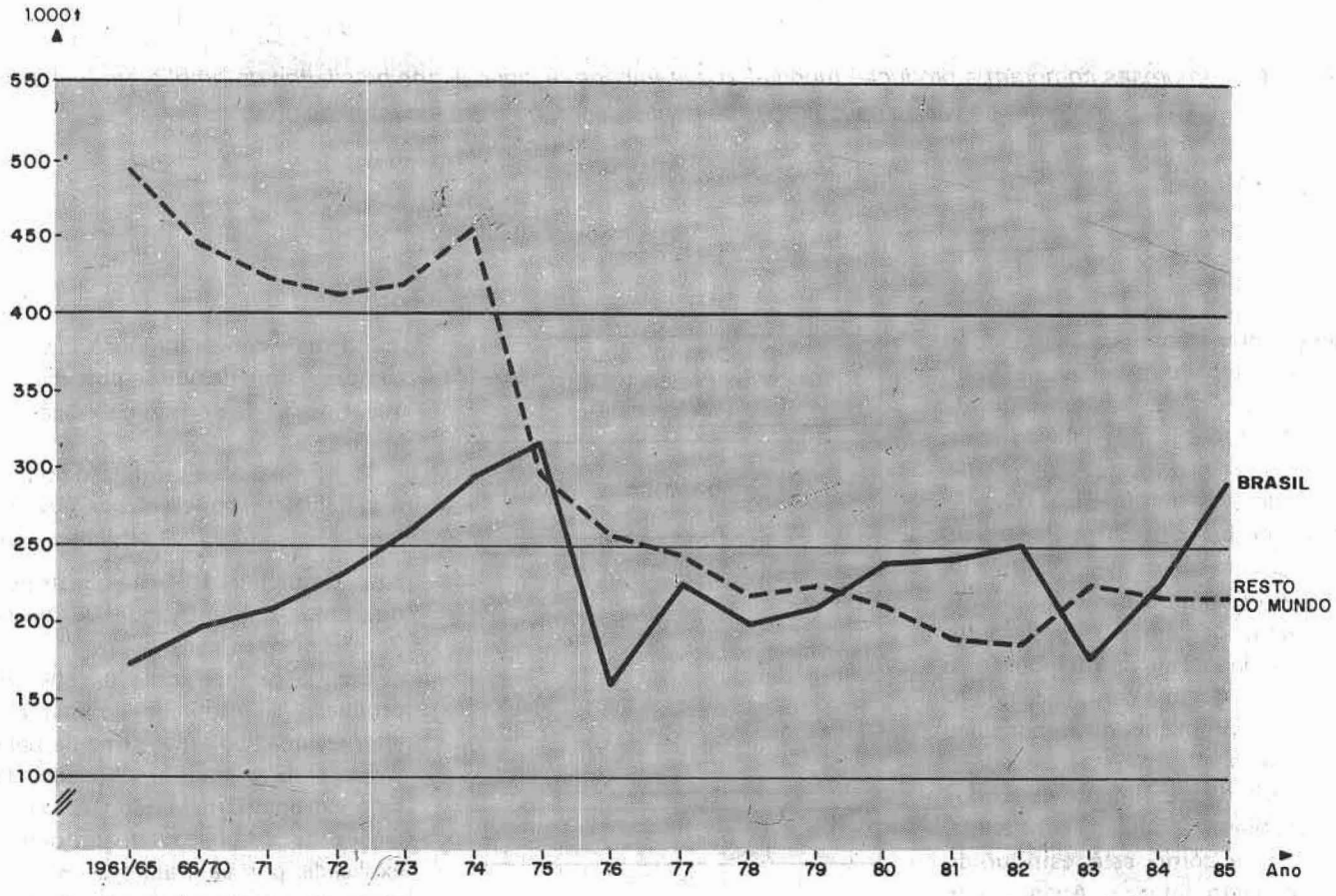
CORDOARIA[1]			FIBRA		
País	US$ milhão	%	País	US$ milhão	%
Brasil	72,67	21,1	Brasil	24,14	49,0
Portugal	40,60	11,8	Quênia	12,91	26,2
Bélgica	30,27	8,8	Madagáscar	4,78	9,7
Alemanha	23,21	6,7	Tanzânia	3,08	6,3
EUA	18,13	5,3	Portugal	0,95	1,9
México	15,25	4,4	Outros	3,34	6,9
Coréia	15,02	4,4	Total	49,20	100,0
Outros	129,39	37,5			
Total	344,54	100,0			

FONTE – Informativo Cacex – 05/10/81 – nº 1.047 – Ano 22

1 De qualquer tipo de matéria-prima, incluindo sisal e propileno.

1 Fio de sisal (cordoaria) utilizado para amarrar fardos de feno e palha de cereais.

GRÁFICO 04 – BRASIL E DEMAIS PAÍSES PRODUTORES – PRODUÇÃO DE SISAL – MÉDIAS DE 1961-65 E 1966-70 E ANOS DE 1971 A 1985 (em mil t)



FONTE – FAO Production Yearbook.

QUADRO 10 – CORDOARIA [1] – MATRIZ DE IMPORTAÇÃO – EXPORTAÇÃO EM PAÍSES SELECIONADOS – 1985
(em US$ milhão)

FORNECEDOR/ IMPORTADOR	BRASIL	EUA	ALEMANHA	CORÉIA	PORTUGAL	MÉXICO	BÉLGICA
Austrália	0,08	0,49	0,32	2,55	–	–	0,02
Bélgica	1,52	0,05	1,19	–	1,77	–	–
Canadá	6,55	6,74	4,21	3,29	1,74	2,44	9,44
Dinamarca	1,72	0,03	0,63	–	1,12	–	0,16
Finlândia	0,46	0,02	0,59	–	0,14	0,09	0,03
França	2,76	0,27	4,28	–	6,22	–	7,28
Alemanha	4,34	0,15	–	0,04	6,08	–	1,74
Itália	0,46	0,16	0,66	–	1,48	–	0,01
Holanda	0,81	0,23	2,86	–	0,92	–	8,49
Espanha	0,02	0,02	0,29	0,79	3,46	–	0,02
Suécia	0,96	0,10	0,92	–	1,56	–	0,06
Reino Unido	0,18	8,48	2,60	0,08	7,19	–	2,00
EUA	52,82	–	0,55	3,38	6,61	12,69	0,17

FONTE – Informativo Cacex.

[1] De qualquer tipo de matéria-prima, incluindo sisal e propileno.

QUADRO 11 - FIBRAS DE SISAL: MATRIZ-DE IMPORTAÇÃO - EXPORTAÇÃO EM PAÍSES SELECIONADOS - 1985 (em US$ milhão)

FORNECEDOR/ IMPORTADOR	BRASIL	QUÊNIA	MADAGÁSCAR	TANZÂNIA	PORTUGAL
Dinamarca	1,42	0,09	0,06	-	-
França	6,44	0,21	0,19	-	-
Itália	4,31	0,46	-	0,22	-
Portugal	9,07	1,26	4,08	0,75	-
Espanha	0,75	2,93	-	0,02	0,03
Reino Unido	0,02	1,60	-	0,02	0,91
EUA	0,73	0,11	-	0,12	0,01
Japão	-	3,30	-	0,31	-
Nova Zelândia	-	0,53	-	1,19	-
Coréia	-	1,05	-	0,05	-

FONTE - Informativo Cacex.

baler twine se destinam basicamente aos **EUA** (mais de 50%) e as fibras para **Portugal** e **França**, que as beneficiam e competem com o **Brasil** no mercado de cordoaria (ver Quadros 10 e 11). **Portugal**, em 1985, era o segundo maior exportador de **baler twine**, apropriando-se de 12% do mercado.

A safra recém-colhida (por se tratar de cultura perene, colhe-se durante todo o ano) deve alcançar cerca de 191 mil t, segundo o mais recente levantamento do **IBGE** (de dezembro) estimativa ainda considerada superestimada pelo mercado, onde se tem como certo que a produção ficará em torno de 185 mil t, levemente menor do que a do ano anterior.

Como forma de tentar promover uma elevação dos preços no mercado internacional, as indústrias beneficiadoras (e exportadoras) reduziram suas compras internas, com vistas a diminuir o total a ser exportado. Como o preço do sisal diminuiu bastante, alcançando o mínimo, os produtores não aumentaram o corte.

Em setembro, a **CFP** elevou o preço mínimo de Cz$ 3,53/kg para Cz$ 7,60/kg, corrigidos mensalmente pela **OTN**, comprando a produção que não encontrou mercado na época.

Frente a esta situação, a **Cacex** elevou o preço de registro de US$ 350/t para US$ 400/t, mais próximo do preço de referência mundial, que é o do produto africano, de melor qualidade, cotado a US$ 450/t.

Do total previsto para ser exportado em 1987 (155 mil t, gerando cerca de US$ 40 milhões), exportaram-se, até agosto, cerca de 100 mil t, demonstrando ser bastante factível até mesmo a superação da meta prevista. Com relação aos dois anos anteriores, tanto em quantidade quanto em valor, o ano de 1987 foi mais fraco (ver Quadro 12).

Desde que o espaço ocupado pela fibra concorrente (polipropileno) demonstra já ter alcançado seu limite, é provável que, nos próximos anos, desconsiderando-se condições climáticas desfavoráveis, deixem de ocorrer oscilações substanciais na produção e nas cotações mundiais.

Em 1988, espera-se que a produção brasileira apresente estabilidade, o mesmo ocorrendo com as exportações de sisal e seus subprodutos.

QUADRO 12 - BRASIL - EXPORTAÇÕES DE PRODUTOS DE SISAL - 1980 E 1984 A 1986 (em US$ mil)

PRODUTO	1980 (US$ mil)	%	(t)	%	1984 (US$ mil)	%	(t)	%
Fibras	58.997	45,4	100.050	56,6	30.735	31,6	870.070	41,9
Cordoaria	70.941	54,6	76.570	43,3	65.226	67,0	118.243	56,9
Celulose[1]	-	-	-	-	1.395	1,4	2.409	1,1
Total	129.938	100,0	176.620	100,0	97.356	100,0	207.722	100,0

cont.

PRODUTO	1985 (US$ mil)	%	(t)	%	1986 (US$ mil)	%	(t)	%
Fibras	28.750	35,3	90.665	45,5	25.548	32,8	75.691	47,6
Cordoaria	50.472	61,9	105.094	52,7	48.719	62,5	82.218	51,7
Celulose[1]	2.263	2,8	3.417	1,7	3.623	4,6	5.108	3,2
Total	81.485	100,0	199.176	100,0	77.891	100,0	159.017	100,0

FONTE - Informativo Cacex.
[1] Pasta de sisal